

**CAFUNÉ**  
BRASIL, 2006.  
Cor, digital, 70min.

**Ficha Técnica**

**roteiro e direção** BRUNO VIANNA **produção** CLÉLIA BESSA **fotografia e câmera** ALOYSIO RAOLINO **som** PEDRO MOREIRA **arte** RAFAEL TARGAT **montagem** FLAVIO ZETTEL E EDUARDO NUNES **música** FELIPE ROCHA E LUCAS MARCIER **elenco** PRISCILA ASSUM, LÚCIO ANDREY, DILMA LÓES, CARLO MOSSY, ROBERTO MAYA, TESSY CALLADO.

**Sinopse**

Ambientado no Rio de Janeiro, *Cafuné* conta a história do amor entre dois jovens: Marquinhos, morador de uma favela, e Débora, uma jovem de classe média alta. O filme traça um desenho interior das personagens que, muito jovens, se deparam com a vida adulta num ambiente de violência e preconceito.

**Classificação etária:** 16 anos

**Site:** [www.cafunefilme.com.br](http://www.cafunefilme.com.br)

**Bruno Vianna** é formado em cinema pela UFF e tem mestrado em mídias digitais pela New York University. Dirigiu quatro curtas-metragens premiados, *Geraldo Voador* (1994), *Rosa* (1997), *Tudo Dominado* (2002) e *Nevasca Tropical* (2003). *Cafuné* é seu primeiro longa e dá continuidade à sua obra anterior que está de alguma maneira ligada a questões sociais do país e da cidade do Rio de Janeiro.

Debate após a sessão com o diretor **Bruno Vianna**.



Oficina Cine-Escola  
é um programa permanente de formação de público,  
que desde 1985 desenvolve ações que exploram  
o cinema como instrumento educativo.  
[www.estacaovirtual.com/oce](http://www.estacaovirtual.com/oce)

**Equipe**

Felícia Krumholz - coordenação geral  
Bia A. Porto - assistente de produção



Educação a 24 Quadros



Oficina Cine-Escola, Raccord Produções,  
Geral e Filmes do Estação  
apresentam

**CAFUNÉ**



de Bruno Vianna

Grupo Estação: 20 anos projetando a diferença.

**Informações:**

tel/fax: 2539-6142

[www.estacaovirtual.com/oce](http://www.estacaovirtual.com/oce)

e-mail: [oce@estacaovirtual.com](mailto:oce@estacaovirtual.com)

Rua Voluntários da Pátria, 53 / 4º andar  
Botafogo - RJ



## O Filme

A história coloca lado a lado jovens que, apesar do abismo social que os separam, têm em comum a falta de perspectiva profissional e pessoal, vítimas de uma comunidade cuja decadência econômica é motor da violência física e moral.

A desigualdade social é abordada, mas não é o tema central. O filme traça uma interseção entre as camadas baixa e alta, através da observação do cotidiano dessa juventude no que ela tem de mais banal.

**Cafuné** aponta o declínio da classe média como fator que também gera violência, que a torna vítima e agressora. Mostra seu medo diário da cidade e sua visão da favela, que é um misto de fascínio e mistério, ódio e paternalismo.

## Entrevista Com o Diretor

**Embora você tenha declarado que a desigualdade social não é a temática principal do filme, a questão social aparece claramente na relação entre a classe média e a favela, inclusive com uma inversão do *status quo* de que a violência parte da favela. As cenas de violência do filme são praticadas, na maioria, pela própria classe que se coloca como vítima ?**

Generalizando um pouco, o cinema brasileiro, incluindo meus primeiros curtas, costuma focar a violência que existe ou que sai da favela, como se fosse um problema localizado. Eu acho que estamos todos no mesmo barco, por mais que uns estejam no convés e outros nos porões. Meu projeto foi de pegar a câmera e fazer um giro de 180 graus, apontando-a para nós, a classe média que geralmente está por trás da câmera focando a favela. O filme mostra uma violência que também surge da classe média: o crime no fim do filme acabou acontecendo de fato poucos meses depois da filmagem. Mas nesse universo há muitas vítimas também: o medo e a insegurança presentes no filme afetam tanto ricos quanto pobres. Além disso, a violência não surge do nada: não podemos dissociar esse fenômeno das suas causas econômicas e sociais, e nesse aspecto todos estamos envolvidos nessa inércia, essa não-ação, e na própria decadência econômica da cidade.

O que eu acho que existe de comum entre o **Cafuné** e os meus curtas é uma humanização da violência, é mostrar onde ela nos afeta nas coisas mais banais. A diferença é que se antes eu falava de um universo alheio, aqui eu mostro o meu próprio mundo pequeno burguês.

**O filme mostra também uma atitude assistencialista por parte da classe média para lidar com o problema da pobreza, como na forma com a qual mãe de Débora trata o genro, - ela acorda o pagamento de R\$ 1,00 numa tentativa de inseri-lo de certa maneira em seu mundo, em sua realidade - sem possibilitar, contudo, uma real mudança da própria realidade dele. Esse paternalismo presente nessa relação pode ser visto como uma denúncia das políticas assistencialistas?**

É uma leitura da qual eu gosto e que eu não posso evitar. Mas esse assistencialismo do filme é também afetivo, que é um tipo de assistencialismo que não passa pela política do governo, e sim por uma política diária de cada cidadão - eu devo dar esmola ou não para o menino no sinal? E tentei falar também de uma certa erotização desse assistencialismo, dessa relação, que passa por um fascínio da favela pelo asfalto e vice-versa, um fascínio que existe desde que o Mário Reis subia o morro para comprar sambas até hoje, quando a classe média vai no baile *funk* e as patricinhas namoram traficantes.

**O filme foi feito em sistema digital, incluído na categoria B.O. (Baixo Orçamento), você acredita que as inovações tecnológicas podem viabilizar a democratização da produção cinematográfica?**

Acho que o filme é uma prova disso, ou seja, não poderíamos fazer um filme com tantas locações e personagens em 35mm pelo orçamento que ganhamos do ministério. Ao fazer em digital, pudemos até economizar um pouco pro lançamento e terminar o filme com R\$ 550.000,00. Vejo muitas produções hoje em cineclubes, oficinas de cinema e escolas que não seriam viáveis alguns anos atrás.

**A idéia de disponibilizar o filme para *download* pode ser interpretada como parte dessa democratização?**

Acho que a democratização da produção já aconteceu, e o que estamos vendo hoje é a democratização da distribuição. Já estamos vendo que de repente se acham coisas raríssimas, incríveis, na internet, aí o sujeito vai e passa isso pros amigos ou no cineclubes... o que falta é organizar esse compartilhamento de arquivos para que os realizadores independentes possam tirar proveito disso. Ouvi dizer que os cineclubistas estão se articulando para criar uma rede... acho que podemos já vislumbrar um circuito alternativo completo, com distribuição, exibição e produção viabilizados pela tecnologia digital. Nós vamos tirar proveito exatamente dessas redes de compartilhamento de arquivos, do contrário não poderíamos arcar com o custo da própria distribuição digital.

A versão original do filme em 35mm tem um final aberto a várias interpretações. Com a distribuição digital, nós percebemos que poderíamos fazer a experiência de levar essa multiplicidade ao pé da letra, mostrando esses finais em diferentes versões. Assim, quem ver o filme em salas que o exibam em 35mm vai ver uma versão diferente dos que vão ver em exibição digital. Além disso, a versão da internet será 20 minutos mais curta e ainda com um terceiro final.

O que estamos estudando agora é a possibilidade de radicalizar essa democratização do filme: vamos disponibilizar uma versão do filme completa, em alta qualidade, para *download*, através de uma licença "*creative commons*", que permite que qualquer pessoa reedite o filme. Depois, no lançamento em DVD, queremos incorporar alguma dessas versões criadas pelo próprio público ao DVD, fechando um ciclo e criando uma nova proposta de obra aberta.

